

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO		 PUC RIO
CENTRO DE TEOLOGIA E CIÊNCIAS HUMANAS DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA		
FIL1223-1CA	História da Filosofia Moderna I	
PERÍODO-2025.1	CARGA HORÁRIA TOTAL: 60 HORAS	CRÉDITOS: 4
Horário: Terças e quintas 7h-9h	Docente principal: Clara Castro Docentes convidada/o/s: Eliane Robert Moraes (USP) e Pedro Paulo Pimenta (USP) Estagiária de mestrado: Mary Emily Mattoso Suzano	

OBJETIVOS	O objetivo geral do curso é desconstruir uma visão frequente, mas redutora da Modernidade, entendida como uma época majoritariamente cartesiana. Pretende-se mostrar que, ao contrário, o debate no período foi profícuo e não faltaram críticos a Descartes. Para tanto, propõe-se um tema de discussão (a razão dos bichos), um ponto de partida (o dualismo entre corpo/espírito e suas implicações nos animais) e várias alternativas à proposta de Descartes.
EMENTA	Estudo dos principais problemas e conceitos propostos pela filosofia em vigor no período moderno compreendido entre os séculos XVII e XVIII.
PROGRAMA	<p>A Modernidade através da razão dos bichos</p> <p>É comum pensar que a Modernidade consiste num todo homogêneo, defensor do dualismo entre corpo e espírito, como se o período começasse e terminasse no cartesianismo. Contudo, entre os séculos XVII e XVIII, houve uma imensa pluralidade de debates, pensamentos e correntes filosóficas. Até mesmo as <i>Meditações</i> (1641) de Descartes estavam inseridas nesse ambiente de discussão. Por um lado, algumas de suas ideias são atribuídas, pelos próprios modernos, a Gomes Pereira – médico espanhol do século XVI, que já advogava pela ausência de sentimento e pensamento nos animais. Por outro lado, as <i>Meditações</i> são acompanhadas de sete objeções (seis em 1641 e sete na segunda edição de 1642, ambas em latim). E mesmo um texto anterior em francês, que não traz objeções, como o <i>Discurso do método</i>, foi enviado a vários leitores antes de sua publicação em 1637.</p> <p>É verdade que a discussão, quando incitada pelo próprio Descartes, pretendia abrigá-lo de polêmicas maiores. Ao defender a existência de Deus e do espírito humano face a objetores materialistas, como Hobbes e Gassendi, Descartes tentava se resguardar das acusações de ateísmo. Mas, ao mesmo tempo, divulgava, com a publicação das objeções nas <i>Meditações</i>, uma visão de mundo absolutamente avessa ao dualismo. A razão dos bichos interessa sobretudo a</p>

Gassendi, para quem animais humanos e não humanos possuem uma alma sensitiva que lhes permite sentir, pensar e até articular uma linguagem. Gassendi não faz nenhuma inovação nesse aspecto. Antes dele e no mesmo século de Pereira, Montaigne já defendia uma inteligência compartilhada entre humanos e bichos. E no século XVII, a princesa Elisabeth da Boêmia, interlocutora epistolar de Descartes, já chamava a atenção para os problemas do dualismo em suas cartas ao filósofo.

Seguindo essa tradição favorável aos animais, Hume abordará a cognição dos bichos no contexto do empirismo newtoniano. Parece óbvio ao filósofo escocês que a razão dos bichos se desenvolve pela experiência. A analogia entre humanos e animais funciona, assim, como um teste da filosofia moral proposta no *Tratado da natureza humana* (1739-40). Isso porque, para Hume, ninguém duvidaria da incapacidade dos bichos em conceber racionalmente as conexões necessárias. Eles produzem a inferência causal na imaginação, mediante a experiência da conjunção constante de eventos. Essa forma de pensar dos bichos fornece, portanto, aquilo que Hume chama de “prova invencível de [...] [seu] sistema”, já que o mesmo ocorre nos humanos.

O abade de Condillac, outro filósofo moral apoiado no empirismo newtoniano, também está certo de que, pela experiência, os bichos pensam. Na França, contudo, ele precisa objetar não somente Descartes, mas também Buffon. Por certo, na época do *Tratado dos animais* (1755) de Condillac, “a opinião de Descartes sobre os animais”, como diz o próprio abade na introdução do texto, “começa a ser tão velha”. Mas Buffon, naturalista célebre na segunda metade do século XVIII, reformula a oposição entre corpo e espírito em seu “Discurso sobre a natureza dos animais”, publicado no quarto tomo (1753) da *História natural*. A seção intitulada “*Homo duplex*”, num primeiro momento, enfatiza a diferença entre o sentido interno, um princípio material de ação dos animais, e a alma, princípio espiritual de conhecimento humano. Longe, porém, de reabilitar o dualismo cartesiano, Buffon parece sugerir uma submissão da alma ao sentido interno, reconhecendo que os humanos só pensam para melhor aprovar e melhor satisfazer suas próprias paixões.

Ciente das dificuldades de interpretar as sutilezas de Buffon, Condillac as utiliza a favor da tese do *Tratado dos animais*, partindo do ponto fixo da faculdade de sentir. Logo, é através das próprias palavras de Buffon que Condillac demonstra a capacidade de julgar dos bichos. Por um lado, a atribuição de razão a outros animais, com destaque para os mamíferos, relativiza a posse desta faculdade pelos humanos; por outro lado, a própria razão se vê identificada a um instinto, estando assim desvinculada de uma substância espiritual, como no cartesianismo.

Ao fim do século XVIII, o marquês de Sade radicaliza o debate sobre as relações entre corpo e pensamento em seu *Diálogo entre um padre e um moribundo* (1782). Para o personagem moribundo, a alma nada mais é do que o resultado dos órgãos do corpo. Sendo apenas o conjunto das composições e decomposições de matéria, a natureza não tem limites claros entre os reinos: a matéria que formou um humano hoje poderá formar um animal daqui algumas décadas ou mesmo um mineral. Há, pois, uma perpétua mutação na natureza que impossibilita qualquer hierarquia entre os seres.

AVALIAÇÃO	Critério 3 MÉDIA = (G1 + G2) / 2 Se G2 < 3, então MÉDIA = ((G1 +(G2*3)) / 4
DETALHAMENTO AVALIAÇÃO	Duas provas de mesmo peso (G1 e G2), feitas em sala de aula e sem consulta. Uma hora-aula será reservada para a discussão, com toda a turma, das questões da prova a fim de que, depois, cada estudante redija individualmente sua resposta na hora-aula seguinte. Na semana posterior à prova, será feita uma devolutiva com correção, comentários e resolução de dúvidas. Fichamentos dos textos principais do curso serão aceitos como complemento da nota. O método de avaliação poderá ser adaptado, contemplando necessidades específicas de estudantes.
BIBLIOGRAFIA PRINCIPAL	BUFFON, Conde de. “Discurso sobre a natureza dos animais” . In: <i>História Natural</i> , trad. Isabel Coelho Fragelli, Ana Carolina Soliva Soria e Pedro Paulo Pimenta. São Paulo: Editora Unesp, 2021. CONDILLAC, Étienne Bonnot de. “Tratado dos animais” . In: <i>A inteligência dos animais: Tratado dos animais, de Étienne Bonnot de Condillac, e Sobre a inteligência dos animais, de Charles-Georges Le Roy</i> , trad. e org. Dario Galvão e Lourenço Fernandes Neto e Silva. São Paulo: Editora Unesp, 2022. DESCARTES, René. “Discurso do método” . In: <i>Discurso do método; Meditações; Objeções e respostas; As paixões da alma; Cartas</i> , trad. J. Guinsburg e Bento Prado Júnior. São Paulo: Nova Cultural, col. “Os Pensadores”, vol. XV, 1973. _____; BOÊMIA, Princesa Elisabeth da. <i>Medicina dos Afetos. Correspondência entre Descartes e a Princesa Elisabeth da Boêmia</i> , org. Adelino Cardoso e Maria Luísa Ribeiro. Ferreira, trad. Inês Cardoso e Paulo de Jesus. Oeiras: Celta Editora, 2001. HUME, David. <i>Tratado da natureza humana: uma tentativa de introduzir o método experimental de raciocínio nos assuntos morais</i> , trad. Déborah Danowski. São Paulo: Editora Unesp, 2009. SADE, Marquês de. <i>Diálogo entre um padre e um moribundo e outras diatribes e blasfêmias</i> , trad. Alain François Contador Borges. São Paulo: Iluminuras, 2001.
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	CANGUILHEM, Georges. <i>A formação do conceito de reflexo nos séculos XVII e XVIII</i> , trad. Caio A. T. Souto. São Paulo: Córrego, 2022. CHIBENI, Silvio Seno. “Hume e a razão dos animais”. In: João Carlos Kfourti Quartim de Moraes (org.). <i>Materialismo e Evolucionismo III: Evolução e acaso na hominização</i> . Campinas: Centro de Lógica, Epistemologia e História da Ciência, Unicamp, 2014. CONDILLAC, Étienne de. <i>Tratado das sensações</i> , trad. Denise Bottmann, introd. Luiz Roberto Monzani. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1993 FAUSTO, Juliana. “A cadela sem nome de Descartes: Notas sobre vivissecção e mecanomorfose no século XVII”, <i>Dois pontos</i> , v. 15, n. 1, 2018. GALVÃO NETO, Dario de Queiroz. <i>A razão dos animais no século XVIII entre filosofia e história natural: Hume, Condillac, Buffon e Le Roy</i> . Tese de doutorado. Orientadores: Pedro Paulo Pimenta (USP) e Laurent Jaffro (Paris 1). São Paulo;

	<p>Paris: FFLCH, Departamento de Filosofia, USP; École Normale de Philosophie, Paris 1, 2023.</p> <p>HOBBS, Thomas. “Terceiras objeções feitas pelo Sr. Hobbes contra as seis meditações”, trad. Luis Fernando Biasoli, <i>Modernos & Contemporâneos: Revista de Filosofia do IFCH da Universidade Estadual de Campinas</i>, v. 5, n. 11, 2021.</p> <p>MONTAIGNE, Michel de. <i>Ensaio</i>, trad. Sérgio Millet. São Paulo: Nova Cultural, col. “Os Pensadores”, 1972, vol. XI.</p> <p>MONZANI, Luiz Roberto. <i>Desejo e prazer na idade moderna</i>, 2ª ed. Curitiba: Champagnat, 2011.</p> <p>MORAES, Eliane Robert. <i>Lições de Sade: ensaios sobre a imaginação libertina</i>. São Paulo: Iluminuras, 2011.</p> <p>_____. <i>Sade: a felicidade libertina</i>, 2ª ed. São Paulo: Iluminuras, 2015.</p> <p>PEREIRA, Gomes. <i>Antoniana Margarita: A Work on Natural Philosophy, Medicine and Theology</i>, trad. e ed. José Manuel García Valverde e Peter Maxwell-Stuart. Leiden; Boston: Brill, 2019.</p> <p>PIMENTA, Pedro Paulo Garrido. <i>A trama da natureza: organismo e finalidade na época da Ilustração</i>. São Paulo: Unesp, 2018.</p> <p>_____. <i>Metáforas do corpo no Século das Luzes</i>. São Paulo: Unesp, 2024.</p> <p>RAMOS, Carmel da Silva. “Elisabeth da Bohemia: epistolografia e escrita de filósofas mulheres”, <i>Blogs de Ciência da Universidade Estadual de Campinas: Mulheres na Filosofia</i>, v. 6, n. 10, 2020.</p> <p>ROCHA, Ethel Menezes. “Animais, homens e sensações segundo Descartes”, <i>Kriterion</i>, n. 110, 2004.</p> <p>SADE, Marquês de. <i>A filosofia na alcova: ou os preceptores imorais</i>. São Paulo: Iluminuras, 2003.</p> <p>SILVA, Franklin Leopoldo e. <i>Descartes: a metafísica da modernidade</i>, 2ª ed. São Paulo: Moderna, 1993.</p> <p>SILVA, Lourenço Fernandes Neto. <i>O animal em Condillac ou as Reinvenções do Humano</i>. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo: Departamento de Filosofia, Universidade de São Paulo, 2015.</p> <p>SIMÕES, Eduardo. “O atomismo epicurista de Pierre Gassendi contra o substancialismo aristotélico e a metafísica de René Descartes”, <i>Revista Perspectiva Filosófica</i>, v. 49, n. 2, 2022.</p> <p>ZIMMERMANN, Flávio Miguel de Oliveira. “Razão dos animais em Hume e nos cétricos modernos”, <i>Cadernos Espinosanos</i>, São Paulo, n. 29, 2013.</p>
<p>BIBLIOGRAFIA DE PESQUISA</p>	<p>BERCHTOLD, Jacques; GUICHET, Jean-Luc. <i>Dix-huitième siècle</i>, n. 42: dossiê temático sobre o “Animal das Luzes”, 2010.</p> <p>BLOCH, Olivier. “Descartes et Gassendi”. In: <i>Matière à histoires</i>. Paris: J. Vrin, 1997.</p> <p>DAGOGNET, François. “L’animal selon Condillac”. In: Étienne Bonnot de Condillac. <i>Traité des animaux</i>. Paris: J. Vrin, 1987.</p> <p>FONTENAY, Elisabeth de. <i>Le silence des bêtes: la philosophie à l’épreuve de l’animalité</i>. Paris: Fayard, 1998.</p> <p>GUEROULT, Martial. “The History of Philosophy as a Philosophical Problem”, <i>The Monist</i>, v. 53, n. 4, 1969.</p> <p>_____. “La méthode en histoire de la philosophie”, <i>Philosophiques</i>, v. 1, n. 1, 1974.</p>

GUICHET, Jean-Luc (org.). *De l'animal-machine à l'âme des machines: querelles biomécaniques de l'âme, XVIIe-XXIe siècle*. Paris: Publications de la Sorbonne, 2010.

HAZARD, Paul. *The Crisis of European Mind: 1680-1715*, trad. Lewis May. New York: The New York Review of Books, 2013.

MARKOVITS, Francine (org). *Corpus revue de philosophie*, n. 16/17: dossiê temático sobre "A alma dos bichos", 1991.

O'NEILL, Eileen. "Disappearing Ink: Early Modern Women Philosophers and Their Fate in History". In: Janet A. Kourany (ed.). *Philosophy in a Feminist Voice: Critiques and Reconstructions*. New Jersey: Princeton University Press, 1997.

PAL, Carol. *Republic of Women: Rethinking the Republic of Letters in the Seventeenth Century*. Cambridge: Cambridge University Press, 2012.

SHAPIRO, Lisa. "Princess Elizabeth and Descartes: The union of soul and body and the practice of philosophy", *British Journal for the History of Philosophy*, v. 7, n. 3, 1999.

TOLLEFSEN, Deborah. "Princess Elisabeth and the Problem of Mind-Body Interaction", *Hypatia*, v. 14, n. 3, 1999. Disponível em: <Project MUSE - Princess Elisabeth and the Problem of Mind-Body Interaction (jhu.edu)>.

TORERO-IBAD, Alexandra. *Débats politiques et philosophiques au XVIIe siècle: La question de l'âme des bêtes chez Descartes et Gassendi*. Québec: PUL, 2009.